



O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA CEGA: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA REGULAR ALIADA À INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA

Andréa Melo da Silva Queiróz ¹
Edja Elidiany Alves Calixto ²

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma explanação sobre o processo de ensino aprendizagem da criança cega. Tem como objetivo geral compreender a relação entre o ensino da escola regular aliado ao ensino da instituição especializada e suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem da criança cega. Para isso, tomamos como objetivos específicos: apontar metodologias usadas para ensinar uma criança com deficiência visual na educação infantil e anos iniciais; explorar os benefícios e dificuldades sobre as práticas pedagógicas usadas tanto na escola regular quanto na instituição especializada, além de refletir sobre a união entre os dois ensinos, na escola regular e no ensino especializado acreditando que um contribui com o outro.

A motivação para desenvolver esse artigo partiu de uma inquietação pessoal, onde a autora se identifica com a causa da pessoa com deficiência visual, no tocante ao aprendizado desde a educação infantil, pois a mesma vivencia em casa com seu filho, João Gabriel, criança cega, atualmente com seis anos, diagnosticada com cegueira congênita.

Com isso surgiu o tema da pesquisa, além de poder contribuir para auxiliar outros professores em suas práticas pedagógicas ao receber um aluno cego em sala de aula, favorecendo uma qualidade maior de ensino aos alunos cegos, e que o ensino aprendizagem aconteça de forma eficaz, superando as barreiras e dificuldades que podem surgir ao longo desse processo.

A pesquisa se deu de forma bibliográfica com método qualitativo descritivo, com hipótese dedutiva. A partir dos dados analisados foram encontradas evidências favoráveis à união do ensino regular com o ensino especializado para efetivação do ensino e aprendizagem da criança cega.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

¹ Graduando do Curso de Pedagogia na UNINASSAU - PB, dea_s.melo@hotmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia na ESAB - PB, edjaelidiany@bol.com.br;





O procedimento metodológico abordado na pesquisa foi o método qualitativo através de levantamentos bibliográficos sobre autores com conhecimento na área de deficiência visual, tais como artigos acadêmicos, revistas científicas, dissertações e teses, livros e documentos legais, realizada a partir de um estudo amplo do objeto de pesquisa, que nesse caso um trabalho descritivo, onde foi estudado sobre o tema de forma organizada. Seguiu com o método hipotético dedutivo construindo processos de análise de informação objetivando uma conclusão, nesse caso sobre a importância das práticas pedagógicas apresentadas em escola regular unidas a práticas pedagógicas da instituição de ensino especializada a fim de que se concretize o processo de formação da aprendizagem do aluno cego.

A presente pesquisa fez uma análise em artigos, livros, revistas científicas e trabalhos acadêmicos, dissertações e teses publicados em periódicos nacionais entre os de 2003 a 2020 encontrados na base de dados da Scielo, no portal da CAPES, BDTD e Google acadêmico, utilizando os seguintes descritores: ensino e aprendizagem; criança cega; escola regular e ensino especializado resultando um total de 23 trabalhos analisados, outros 16 trabalhos foram feitas as leituras dos resumos e analisados, mas não foram incluídos, pois se tratavam de outras deficiências associadas a visual, assim como também trabalhos que abordava o ensino aprendizagem de pessoas cegas, mas em outros níveis escolares, como médio e superior. Além de uma análise dos documentos que dão as diretrizes sobre a educação inclusiva no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma escola inclusiva de fato, o aluno necessita de um ambiente acolhedor, com professores comprometidos em fazer a diferença na vida educacional do aluno desde a educação infantil que é a porta de entrada inicial escolar, onde ele vai realizar suas primeiras experiências educativas. Assim como afirma Jesus (2015);

Embora existam inúmeras leis e políticas que norteiam e asseguram a educação para crianças pequenas, se faz necessário repensar a finalidade da educação infantil, para que não e restrinja apenas a revisão do seu caráter assistencialista, mas também discuta as metodologias, estratégias e recursos que podem favorecer o acolhimento e aprendizagem do todas as crianças. Inclusive daquelas que possuem deficiência, transtorno global do desenvolvimento, altas habilidades/ superdotação. (JESUS, 2015. p. 43)

A construção de uma instituição inclusiva se dá pela preparação do ambiente escolar, avaliar estrutura física, projeto político pedagógico, recursos didáticos, metodologias e





práticas de ensino (GLAT; PLETSCH; FONTES. 2007). Além de capacitação para todo o corpo escolar, gerando informação para saber agir diante das situações que a criança com deficiência necessite.

Por tanto, todo e qualquer aluno com deficiência visual deve está matriculado preferencialmente na escola regular (BRASIL, 1996). Porém a lei por si só não assegura uma qualidade de ensino necessária para atender as necessidades educacionais dos alunos. Pois inserir ou integrar uma criança com deficiência visual na escolar regular não é inclui-la, inclusão é possibilitar e dar condições de aprendizagem real e estruturada para o desenvolvimento pleno de suas capacidades. E não se refere apenas a currículo, conteúdo ou recursos pedagógicos, mas também a proporcionar um conhecimento de mundo ao seu redor, levando em consideração as relações interpessoais, autoestima, autoconfiança, relações de afetividade. Para isso o professor tem papel fundamental. Como alega Carletto (2012):

O papel do professor da educação especial e posteriormente o professor do ensino comum é o de proporcionar meios adequados para esta criança aprender e estar entre os demais (na vida escolar, na rua, nas lojas, supermercados e etc.). Muitos conhecimentos da vida diária serão apreendidos não só na escola, mas também em casa, através da família, pois a criança cega vai passar a maior parte do tempo junto à mesma (CARLETTO, 2012, p 04).

O ensino especializado pode ser realizado de duas maneiras, através do AEE (Atendimento Educacional Especializado) onde a criança é atendida no contra turno do horário do ensino regular na própria escola ou na escola mais próxima da residência do aluno onde tem sala multifuncional, por professores especializados Siluk, (2014), e através das instituições especializadas que são entidades voltadas especificamente para a deficiência visual, onde possuem recursos pedagógicos e metodologias direcionadas para o aluno cego.

Dentro dessa perspectiva o atendimento especializado tem sua relevância na aprendizagem do aluno cego, pois as propostas pedagógicas são voltadas totalmente para atender as especificidades do aluno com deficiência visual.

Na educação infantil são apresentados os materiais pré-braille, uma forma de preparar a criança antes mesmo de chegar à fase da alfabetização em Braille que é sistema de código tátil, formados por pontos em alto relevo contendo 63 caracteres possíveis, usado justamente para que o cego possa sentir e conseguir realizar a leitura e a escrita (BRASIL, 2018). Após a apresentação do pré Braille na educação infantil, o aluno cego inicia seu processo de alfabetização em Braille no ensino fundamental anos iniciais, onde a criança deve se apropriar da leitura e da escrita.





Alguns recursos podem ser destacados para o atendimento especializado, tais como: soroban que é um instrumento originado do ábaco utilizado para cálculos matemático; reglete e punção que é usado para realização da escrita manual e a Impressora Braille que por ser um equipamento de alto custo dificilmente são encontradas nas escolas que possuem atendimento especializado, mas podem ser encontrados com maior facilidade nas instituições de ensino especializado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de análise realizada a luz da revisão bibliográfica no tocante ao processo de ensino e aprendizagem da criança cega, foram encontradas em outros estudos a afirmativa favorável à importância do convívio entre as crianças com deficiência visual, tanto com outras crianças que também possui a mesma deficiência quanto com as que não têm. No estudo sobre interações e brincadeiras com crianças com deficiência visual de Ruiz e Batista (2014) foi concluído que a participação ativa dessas crianças nos grupos de brincadeiras contribui para seu desenvolvimento global. Ruiz e Batista (2014) explica:

A criança com deficiência visual mostrou condições de brincar como qualquer criança, uma vez oferecidas condições de interagir com parceiros. Aprenderá a brincar se tiver parceiros para brincar com ela, que compreendam que sua forma de interagir pode ser diferente. E ser diferente não quer dizer que seja inferior. (RUIZ; BATISTA, 2014, p. 221)

As interações são aspectos importantes a serem verificadas como análise de comportamento dos indivíduos com deficiência visual, nesses momentos as crianças conseguem expressar seus desejos, anseios, assim como também angústias ou medos, trabalham a comunicação de formas diferentes, não apenas falando ou ouvindo, mas também tocando e percebendo o ambiente ao seu redor.

Outro estudo que fica evidenciado sobre a relevância a cerca da interação entre crianças cegas e não cegas é o de França (2008). A autora conclui que de modo geral sem generalizar, visto a pequena amostra analisada, que fica demonstrado aspectos importantes a partir dessas interações. Segundo França (2008):

Para promover a inserção de crianças cegas em creches e pré-escolas, somando ao atendimento especializado, deve estar presente no contexto as interações entre crianças cegas e videntes, que podem gerar benefícios ao desenvolvimento geral das crianças cegas. (FRANÇA, 2008, p. 78)





Os benefícios trazidos pelas interações entre criança cegas e não cegas podem estar relacionados aos aspectos de socialização, de comunicação, comportamental, além de aprendizagem solidária no que diz respeito às possibilidades de desenvolver empatia, tolerância, trabalho colaborativo, convivência com as diferenças, diminuindo barreiras geradas pelo preconceito.

Assim como também a necessidade de reconhecer que não é satisfatório apenas colocar juntos todos os alunos com e sem necessidades especiais, são necessárias interações e atividades pedagógicas planejadas e direcionadas a fim de conseguir maior êxito nos resultados. As ponderações de Jesus (2015) na sua pesquisa sobre a criança com cegueira na educação infantil: interação entre os contextos de desenvolvimento, também ressalta os benefícios trazidos pela inclusão de crianças cegas no ensino regular. A autora explica:

Os resultados apontaram ainda que as crianças cegas foram estimuladas nos microcontextos analisados, a utilizarem os seus mecanismos de compensação, como: a exploração tátil, a atenção auditiva diferenciada e o desenvolvimento da linguagem oral compreensiva. Esses processos foram decisivos para a promoção do seu desenvolvimento. Nessa lógica, podemos afirmar que as situações interativas vivenciadas em sala de aula comum e inclusiva foram extremamente benéficas. (JESUS, 2015, p. 170)

Logo, temos evidências significativas para refletir sobre a inclusão na perspectiva educacional, envolvendo os indivíduos com deficiência visual, considerando os fatores que contribuem para o desenvolvimento no que tange o ensino e aprendizagem desde a educação infantil e anos iniciais, nas escolas regulares assim como a colaboração do ensino especializado, auxiliando nas especificidades de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à análise dos dados coletados, observa-se que há várias evidências que sustentam a hipótese afirmativa da relevância de unir os dois formatos de ensino da escola regular e ensino especializado para favorecer a aprendizagem satisfatória da criança com essa necessidade especial, porém a inclusão escolar ainda tem muitos percalços para sua efetividade, tanto nos aspectos físicos das instituições, como barreiras arquitetônicas, como processos pedagógicos, envolvendo currículo e adaptações de materiais, pois nem todas as escolas possuem recursos didáticos específicos para trabalhar com a criança com deficiência visual, tampouco a formação adequada dos professores para esse fim.





Além disso, a inclusão transpassa os muros da escola, que é apenas o ponta pé inicial para formação do cidadão, se faz necessária uma mudança cultural na sociedade, que desdenha as capacidades das pessoas com deficiência, impondo barreiras psicológicas como se a pessoa não fosse capaz de desenvolver suas habilidades e construir seus sonhos e objetivos de vida com autonomia, para que esse indivíduo se reconheça socialmente, cientes dos seus deveres, mas conhecedores dos seus direitos como cidadão.

Esta pesquisa, apesar de encontrar evidências sobre a hipótese levantada no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da criança cega, unindo o ensino da escola regular e o ensino especializado para benefício do processo de aprendizagem, entende-se que ainda há potencial de ser continuada futuramente, para construção de outras evidências a fim de que se concretize a relevância desse estudo.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Criança cega. Escola regular. Ensino especializado

REFERÊNCIAS

CARLETTO, Marcia Regina Vissoto. **A estimulação essencial da criança cega.** 2007/2008.

Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/488-4.pdf>. Acesso em: março de 2021

JESUS, Lana Tuan Borges. **A criança com cegueira na educação infantil: interação entre os contextos de desenvolvimento.** Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2015 203 f. : il. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18279>. Acesso em: março de 2021

RUIZ, Letícia Coelho; BATISTA, Cecília Guarnieri. **Interação Entre Crianças com Deficiência Visual em Grupos de Brincadeira.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 2, p. 209-222, Abr.-Jun., 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382014000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Abril de 2021

FRANÇA, Maria Luiza Pontes de. **Crianças cegas e videntes na educação infantil: características da interação e proposta de intervenção.** 2008. 114f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2985/1755.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: março de 2021

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise; FONTES, Rejane de Souza. **Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade Educação.** Revista do Centro de Educação, vol. 32, núm. 2, 2007, pp. 343-355 Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS, Brasil, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/678>. Acesso em: março de 2021

SILUK, Ana Cláudia Pavão. (org). **Atendimento educacional especializado: contribuições para a prática pedagógica.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2019/04/Atendimento-Educacional-Especializado-Contribui%C3%A7%C3%B5es-para-a-Pr%C3%A1tica-Pedag%C3%B3gica.pdf>. Acesso em: março de 2021

